

CAMPOS DE TRABALHO DA EDUCAÇÃO FÍSICA – UMA FALSA CRENÇA QUE INCOMODA O PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Paulo Roberto Veloso Ventura – ESEFFEGO/UEG – DEFD/UCG

RESUMO: Este trabalho trata de um tema pouco pesquisado na educação física brasileira, com relativa discussão e explicações não muito convincentes. A ESEFFEGO e a FESURV, há pouco tempo inseriram em cursos de especialização *lato sensu* uma disciplina que tratava do assunto, das quais fui o docente convidado a ministrá-la. Na ESEFFEGO, o trabalho final foi uma pesquisa nos diversos campos, da situação que os profissionais de educação física vivenciam, em diversos aspectos laborais. Este ensaio busca divulgar ao meio acadêmico os dados coletados não ainda do trabalho final do curso, mas de uma pesquisa feita com os professores/profissionais que fizeram a pós-graduação em duas linhas: educação física escolar e treinamento desportivo, colhendo dados e efetuando algumas análises, já que este pesquisador pretende efetivar um projeto de investigação mais amplo a respeito do tema, tomando por base os dados levantados pelos acadêmicos e pelas acadêmicas com o trabalho final da disciplina. Da sistematização que apresento neste ensaio, espero criar polarizações que possam discutir os diversos olhares que o tema proporciona.

INTRODUÇÃO

Quando fui convidado pela ESEFFEGO e pela FESURV para trabalhar em cursos de especialização da área não escolar, cujo tema trataria de campos de trabalho da educação física, fiquei apreensivo a princípio pelo desafio que se apresentava. Mas, por ser membro do grupo temático que trata da formação profissional e campos de trabalho no CBCE, refleti que o enfrentamento seria inevitável, até para o crescimento pessoal na discussão da temática, numa visão mais ampla.

Sempre ouço pensadores desta área mencionarem o fato de que as pesquisas apontam a escola como o maior empregador do profissional de educação física; no entanto, nunca vi referências concretas sobre as investigações e seus resultados. Corroborar com tal “verdade” me incomoda na medida em que, aparentemente, o mundo do trabalho não escolar, especialmente o campo do fitness, se apresenta promissor na oferta de eventos e no apego que os acadêmicos e as acadêmicas mostram, ao apontarem uma direção futura para espaços de trabalho voltados para a educação física não escolar.

No entanto, não é tão difícil de perceber que esse fenômeno ocorre muito nas capitais e cidades maiores, enquanto no interior a pouca oferta de práticas corporais para além da escola é claramente inferior. Para além disto, os espaços não escolares não são nada acessíveis, sócio/economicamente falando. Ainda assim, são necessários dados mais precisos, indicadores que ofereçam clareza para marcar uma posição sobre a formação profissional, tendo em vista que, certo mesmo, é que muitos dos que durante a graduação pendem para uma formação sobre os conhecimentos não escolares, muito cedo, ou mais tarde, acabam por desabar na escola, num “mal humor” epistemológico provocado pela má formação neste campo, o que estabelece problemas para a área da educação física na escola.

Evidente que isso tem a ver com o processo de formação profissional para essa área do conhecimento científico, pois a maioria dos cursos está estruturada na perspectiva da

licenciatura, parte deles utilizando apenas da denominação e tratando de conteúdos que caracterizam o bacharelado; outra parte dos cursos trabalha na perspectiva da licenciatura ampliada, que têm se caracterizado por dois eixos: um se estabelece pela relação entre os conhecimentos mais amplos e os específicos da educação física e, o outro, trata dos conteúdos representados por disciplinas que atendam o campo escolar (licenciatura) e o campo não-escolar (bacharelado). Um número bem menor de cursos caracteriza-se de verdade como bacharelado ou licenciatura.

Dentro desta contextualização, vou a seguir estabelecer diálogos e elaborações que possam provocar uma situação de polarização, reflexão e socialização do construto aqui proposto. Este estudo vai descrever os dados levantados por este investigador junto a discentes do curso *lato sensu* em Treinamento Desportivo e Educação Física Escolar realizado na ESEFFEGO em 2002/2003, fazendo uma crítica dos dados levantados.

ENSAIO TEÓRICO

Conforme estudos publicados por Coelho Filho (2001), as academias de ginástica, como espaço indicado para práticas corporais, proporcionam bom interesse na sociedade atual. Mesmo sendo um espaço seletivo no que se refere às possibilidades de acesso, desperta uma procura acentuada dos alunos dos cursos de graduação em educação física. Para o autor, a evolução mercadológica das academias e a conseqüente concorrência entre elas, apontam para um profissional à frente do trabalho cuja exigência passa “não só” pela sua competência, mas também pela auto-imagem pública, cujos atributos estão definidos e aprovados pelo contexto social. No entanto, ele indaga se,

(...) esses atributos sociais aprovados não podem desempenhar o papel da ideologia, quando da formação do pensamento do profissional de ginástica e da reflexão crítica sobre as instituições e o mercado de trabalho. Nesses profissionais, o lado crítico sucumbe; ele não os interessa? Nessa perspectiva, torna-se relevante uma atividade de análise e descrição sobre esse campo de ação profissional. (p.01)

Bem, neste trabalho vamos então tratar de desmistificar alguns aspectos que se apresentam um tanto nebulosos na graduação, versados como se fossem unilaterais, apenas do discente, mas, no meu entender, também constitui uma questão no âmbito docente, pois o currículo não tem dado conta de concorrer com os preceitos apresentados pelo mercado produtivo, especialmente pela ação da mídia, a serviço deste mercado. Onde estará o botão eletrônico que possa permitir à educação física apertar sua transformação de mera atividade física para um “fazer pedagógico” constituído de reflexão teórica, independente do campo de trabalho em que vá atuar seus profissionais?

Se um indicador é a formação profissional oferecida pelos cursos de educação física, currículos estruturados na perspectiva da “aptidão física” com eixo epistemológico fechado nas ciências biológicas têm sido rotulados como uma causa concreta. No entanto, em outros currículos que radicalizam ou privilegiam a formação numa episteme relacionada com as ciências humanas, especialmente com a educação, seus egressos não têm conseguido as rupturas necessárias com o contexto em discussão.

Sabemos que a escola de ensino básico e a universidade, por si só não são capazes de modificar a ideologia dominante de um sistema capitalista; portanto, estão a serviço

deste sistema e caso não exerçam as funções desejadas, certamente sofrerão intervenções. Mas, então, o que há para fazer? Penso que por meio das instituições educativas e seu corpo docente, podemos estabelecer esta possibilidade de transformação. Se os cursos de graduação, especialmente as licenciaturas, conceber indivíduos críticos, com saberes suficientes para romper com o fazer pragmático posto nas escolas de ensino básico e, no caso da educação física, nos demais espaços de práticas corporais e educativas, estes profissionais, em sua prática social também formarão indivíduos críticos para compor a sociedade civil, célula decisiva para a transformação ideológica dos espaços dominantes na sociedade política, a qual define a composição das diversas instâncias governamentais: o executivo, o legislativo e o judiciário, que tomam as principais decisões político/ideológicas de um país.

No caso da educação física, estes indivíduos a percebem por meio de preconceitos estabelecidos a partir da vivência que foram oportunizados, especialmente na escola, local assegurado à maioria de uma população, para a apreensão dos saberes científicos, que extraídos das diversas ciências, recebem o trato pedagógico necessário para tornarem-se conhecimentos escolares. Mas, apesar de toda a produção do conhecimento acumulado pela área, especialmente nas duas últimas décadas do século XX e início desta 1ª década do século XXI, o conhecimento escolarizado para a educação física, ao ser transformado em prática pedagógica, o faz com baixa qualidade, um “fazer sem saber”.

Particularmente, projeto que para um futuro bem próximo, a educação física “não escolar” deva se ampliar e consolidar-se como um campo de trabalho maior que a escola. No entanto, quem vai garantir esta consolidação será necessariamente a educação física escolar que, ao transformar sua prática atual de simples atividade do “fazer pelo fazer” em uma prática pedagógica que articule o “fazer corporal com a teorização pertinente”, garantirá aos indivíduos uma prática social, ou seja, a apreensão de um conhecimento científico que lhes orientará o significado e a significância das práticas corporais como um bem inerente à sua corporeidade. Vejamos como exemplo quais seriam os motivos que hoje levam os indivíduos a frequentar uma academia. Dois deles são disparadamente os mais frequentes: um, por indicação médica e o outro, pela questão estética determinada pelo olhar que a moda da confecção impõe à exibição do “corpo sarado” em clubes, praias, shopping, festas, etc; o indicativo da educação física escolar é segundo Baptista (2001), o nono em dez questões postas em sua pesquisa de mestrado, como motivadoras da presença das pessoas em academias de Goiânia.

Diante do exposto, penso então que os acadêmicos de educação física devem se preocupar com uma formação que lhes dê pelo menos duas boas estruturas de conhecimento, uma delas, necessariamente, a escolar. Esta formação garantiria ao egresso uma estrutura de saberes que, no caso de ter que trabalhar neste espaço, não se sentir “mal humorado”, estado normalmente provocado pela falta de conhecimento sobre o campo, daqueles que durante a graduação não almejaram estar na escola. Esta situação é até comum com alguns profissionais que, após algum tempo em outros campos, ao ser de alguma forma relegado por processos mercantis, em função da idade e/ou imagem corporal (estética), terminam por acatar a escola, na falta de outra possibilidade.

Esta definição do campo passa pela compreensão de que a realidade social é criada e re/criada por seus próprios atores, ao tomar suas decisões sobre os procedimentos que

identificam o mundo na construção, desconstrução e re/construção de sua participação de uma forma geral e, também, na escolha do campo de trabalho. Assim, os acadêmicos e as acadêmicas que optam pela escolha de campos não escolares, o fazem entendendo que sua aceitação se dá pela competência exigida pelo mercado e adquirida por ele na graduação e/ou de outras formas. No entanto, esta competência em diversos casos está muito mais centrada no aspecto da “animação” do que no conhecimento técnico, na “juventude” do que no prestígio da experiência, o que faz gerar uma grande instabilidade nestes setores. A pesquisa de Coelho Filho (2001), mostra como uma professora de academia se percebe neste contexto...

(...) 'sinceramente, eu estou querendo largar a minha carreira de ginástica, estou querendo sair'. Ela justifica sua opção por prever que daqui a alguns anos não terá o mesmo desempenho físico que tem hoje. Ela não pode garantir aos 29 anos, que aos trinta e cinco vá apresentar uma estética corporal compatível com as exigências do mercado: 'Daqui a 6 anos será que eu vou estar com um corpo legal para dar aula? Vou ter o mesmo gás'? (p.03)

Há um outro depoimento desta professora onde ela argumenta o fato de que a mulher é discriminada na academia. Diz que não sabe quando vai ter filho; apesar de casada, ainda não concretizou este desejo, pois entende que o fato a deixará com dificuldades para manter o mesmo ritmo e o mesmo *status* de agora. A natural perda de condicionamento físico de uma pessoa com o passar dos anos, corroborado pela concepção de filhos, no caso da mulher, concretiza que em alguns campos de trabalho da educação física, há um exagerado parâmetro da significação, que se torna um ponto negativo. Segundo Coelho Filho (idem), “*É a representação social que circula, da relação entre a idade e o desempenho*”. Isto ocorre porque nos campos onde a frequência consolida um público jovem, a exigência de condicionamento físico para os professores é tida como “naturalmente necessária”.

Mas, há um campo que Coelho Filho (2001) vai chamar de “novo mercado dos velhos novos”, de pessoas na 3ª idade que adotam um estilo jovem de vida, exercitando práticas corporais como a hidroginástica, musculação, dança e outras formas de desenvolver sua corporeidade. Trata-se de um campo concreto, em franco desenvolvimento, que poderá possibilitar a manutenção de professores por mais um tempo no desempenho das aulas, tendo em vista que, provavelmente, o conceito de experiência possa pesar. No entanto, dados ainda inconsistentes mostram que professores e professoras jovens têm prevalecido à frente destes trabalhos.

Segundo uma pesquisa realizada em academias de Goiânia por Borges e outros, citados por Furtado (2004, p.07), ...

(...) em relação aos aspectos técnicos os alunos desejam como perfil ideal um professor que explique os exercícios com clareza e objetividade, corrija os exercícios sempre que necessário e acompanhe as suas evoluções no decorrer dos treinamentos. Já em relação aos aspectos sócio-afetivos, os alunos desejam professores que sejam motivadores, atenciosos e bastante prestativos.

Podemos perceber que algumas questões coincidem com dados apresentados por Coelho Filho (2001) no Rio de Janeiro. No entanto, Furtado (2004) pondera que não se deve analisar as academias e desejar definir o perfil de professor apenas com base nestas questões, mas considerando também que academias funcionam em estreita relação com

o mundo que as cerca, o que impele considera-las nessa totalidade; o perfil do profissional então, não pode ser visto descolado desse contexto. Ele acrescenta que,

As transformações no mundo do trabalho ocorridas nas últimas décadas têm transformado também as exigências de qualificação profissional para os trabalhadores. (...) no regime de acumulação flexível, as qualidades pessoais para ser um bom trabalhador são mais complexas e difíceis de se definir. (2004, p.08)

Nas questões das exigências postas pelo mundo do trabalho, é preciso considerar o desejo galopante do mercado capitalista que nos diversos campos e em especial na educação física incita um processo sazonal hiper veloz, instigando a graduação a acompanhá-lo, fato que é impossível para os currículos de formação profissional na área, o que induz o mercado criar diversos cursos de extensão durante o ano, preferencialmente em locais com turismo estimulado, com objetivos diversos: colocar em xeque os cursos de formação, testando o seu equilíbrio e a credibilidade da sua estrutura curricular; vender pacotes turísticos para os locais escolhidos; justificar as “novas fórmulas” de operacionalizar o mundo do fitness; criar nos acadêmicos e profissionais mais novos uma idéia de dependência deste processo de formação continuada, como uma necessidade de manutenção de seu trabalho. etc.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DADOS

É neste emaranhado de artifícios que fazem brilhar os olhos dos acadêmicos e das acadêmicas de educação física, que apresento os dados da pesquisa de campo, que foram levantados em duas turmas de especialização da ESEFFEGO, uma em Educação Física Escolar e a outra em Treinamento Desportivo. Como se poderá perceber nos dados colocados nos anexos, os campos apresentam uma diversidade bem interessante nos pressupostos levantados. Até por falta de maior espaço pelas exigências das normas do evento, as análises dos dados serão feitas quando da apresentação do trabalho. O que é certo, é que em função desta investigação, confirma-se que a escola é o maior empregador na área da educação física e em termos de remuneração, não fica atrás dos demais campos; o que também é verdade, é que a valorização profissional deixa muito a desejar, não só na questão da remuneração. O certo, é que precisamos de outras pesquisas neste campo, para ampliar a discussão.

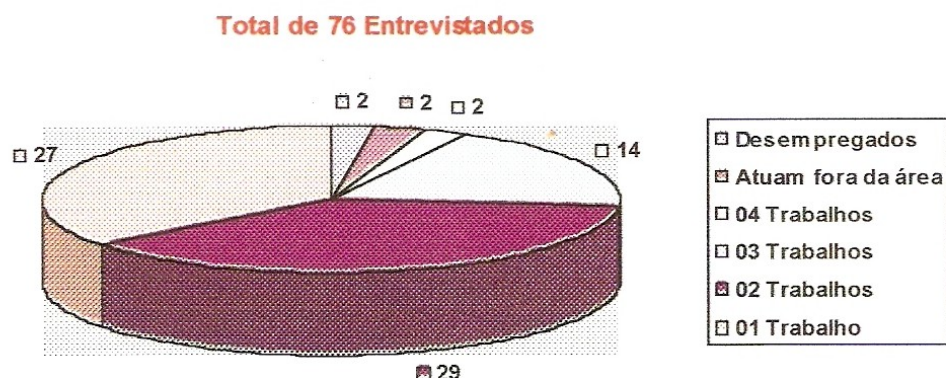
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO FILHO, Carlos A. de A. **Fruto maduro? Caindo do Pé?** Caxambu: Anais do CONBRACE, 2001.
- FURTADO, Roberto P. **O perfil do professor de ginástica e de musculação das academias de Goiânia.** Goiânia: ESEFFEGO, 2004.
- KUENZER, Acácia Z. **Conhecimento e competências no trabalho e na escola.** Caxambu: Anais da ANPED, 2002.

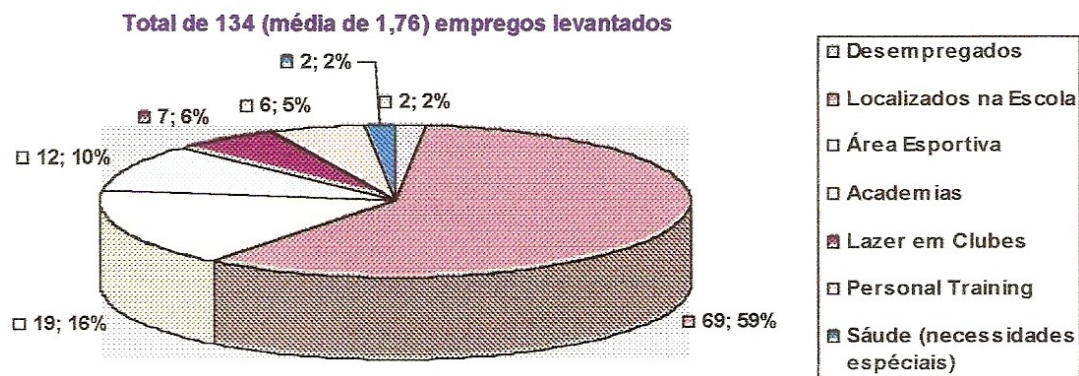
ANEXOS

Os entrevistados apresentaram média de tempo de formados na graduação de 06 anos e 02 meses, variando o tempo de formação de 01 ano a 07 anos e 03 meses.

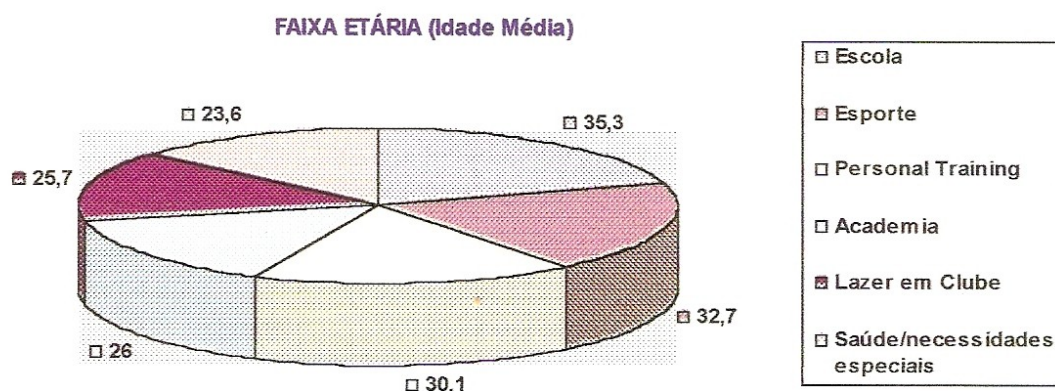
Dos 76 entrevistados, 02 estão desempregados e 02 trabalham fora da área da educação física, 02 têm 04 trabalhos, 14 têm 03 trabalhos, 29 têm 02 trabalhos e 27 têm 01 trabalho.



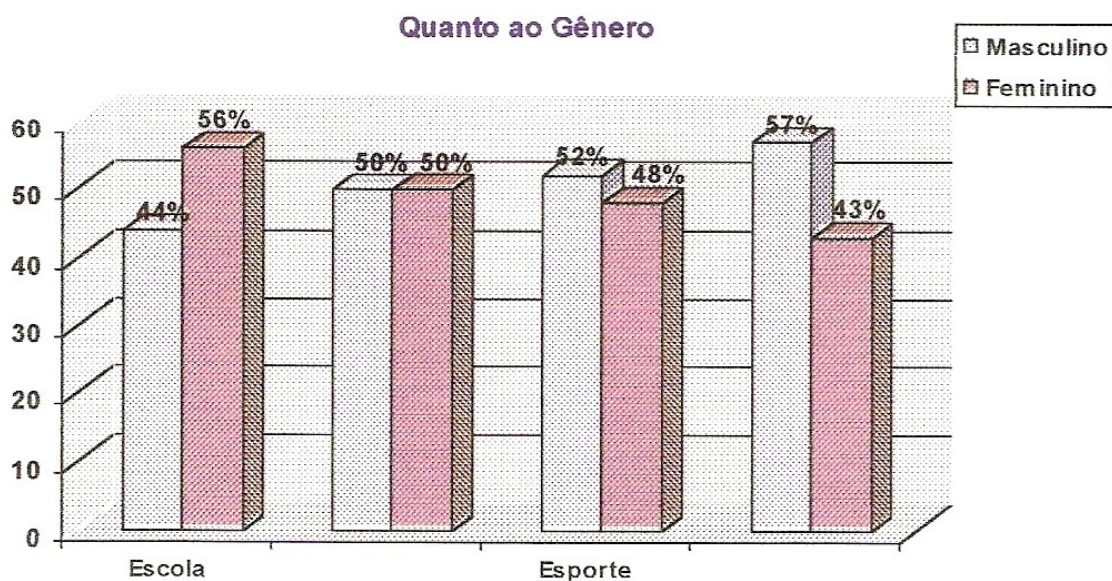
Do total de 134 empregos levantados (média de 1,76 empregos), 69 deles estão localizados na escola, o que representa mais de 51% do total; 19 na área esportiva; 12 em academias; 07 com lazer em clubes; 06 como personal training e 02 com saúde (necessidades especiais).



Quanto à faixa etária, a escola apresenta uma idade média de 35.3 anos; o esporte 32.7 anos; personal training 30.1 anos; academia 26 anos; lazer em clube 25.7 anos; saúde/necessidade especiais 23.6 anos.

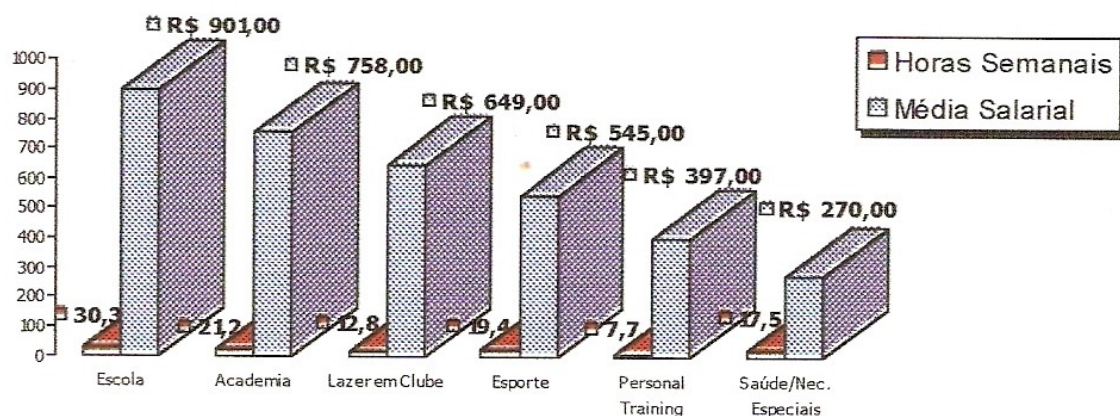


Quanto ao gênero, na escola temos 44% masc. E 56% fem.; saúde/necessidades especiais, academia e personal training 50% para cada um; esporte 52% masc. e 48% fem; lazer em clubes 57% masc. e 43% fem.



Na relação salário carga horária semanal, a escola tem 30.3 horas semanais com média salarial de R\$ 901.00 – a academia tem 21.2 horas semanais com R\$ 758.00 de média – o lazer em clube tem 12.8 horas semanais com R\$ 649.00 de média – o esporte tem 19.4 horas semanais com R\$ 545.00 – personal training com 7.7 horas semanais e R\$ 397.00 e a saúde/necessidades especiais com 17.5 horas semanais e R\$ 270.00.

Relação Salário / Carga. Hor. Semanal



Os maiores e menores salários são: Escola R\$ 3.200.00 e R\$ 240.00 – Academia R\$ 3.000.00 e R\$ 240.00 – Lazer em Clube R\$ 1.300.00 e R\$ 200.00 – Esporte R\$ 1.180.00 e R\$ 144.00 – Personal R\$ 600.00 e R\$ 300.00; Saúde/necessidades especiais R\$ 300.00 e R\$ 240.00.

Maiores e Menores Salários

